



# Uma história muito (mal)-contada

Leila Chalub Martins

Abro um livro de história do Brasil, como muitos, e leio o seguinte: "O Brasil foi descoberto em 1500. (Meu Deus — pensará o leitor — este livro contém cada novidade!) De qualquer modo, concluímos que, antes de 1500, não há História do Brasil, pois o país sequer havia sido descoberto."<sup>1</sup> Fecho o livro e começo a pensar ... O Brasil foi descoberto? Não seria mais correto dizer: o Brasil foi conquistado? Esta questão pode parecer pouco importante, só uma questão de semântica. Será??? Explico: *descobrir*, no dicionário, significa *achar, deparar, encontrar, inventar*. Significa, então, um ato casual, não conflituoso. Significa também a ação focalizada apenas em um lado: o dos portugueses. São eles que, assim, *descobrem* o Brasil. Não se faz referência ao outro lado: o dos indígenas que aqui estavam; não se faz referência, portanto, à relação entre portugueses e índios.

Por outro lado, *conquistar*, no dicionário, quer dizer *apoderar-se, apossar-se, apropriar-se e usurpar*. Significa, então, tomar o poder, tomar posse, transformar alguma coisa em sua propriedade. Fica mais clara, assim, a situação de chegada dos portugueses, todas as guerras havidas, os massacres, a resistência dos índios a esse processo de conquista. Conquistar implica, também, a construção de novas relações sociais, de novas identidades sociais<sup>2</sup>: aquele que conquista passa a ser o dominador, enquanto que os conquistados são colocados como submissos, rebeldes, dominados, resistentes (Lima, 1995).

Como se vê, durante séculos e séculos de história, temos aprendido que o Brasil foi descoberto e não conquistado. É ou não uma história mal-contada? Mas não é só isso. Outros elementos indicam que precisamos, enquanto educadores, rever alguns conceitos e fatos tratados pela história do Brasil, para fazermos justiça àqueles que construíram essa história, como seus protagonistas, mesmo que isto tenha custado o seu sangue, a destruição de seu povo, de sua cultura<sup>3</sup>.

Outro aspecto que merece ser revisto diz respeito à formação multicultural e multirracial do povo brasileiro, em que o indígena e o negro, além do europeu, representaram papéis decisivos. Este povo a que hoje chamamos de *brasileiro* é o resultado de *processos de destribalização e deculturação de negros e indígenas*. Estes processos foram regidos pela escravidão e pela miscigenação, "*de uns com os outros e de todos com o português, sob a dominação deste último*", como esclarece Darcy Ribeiro (1988).

Mas, quando falamos de dominação do português, o que precisamente queremos dizer? De que modo era exercida esta dominação? Muito se fala da imposição de sua língua, da imposição de sua religião. Muito pouco se fala, porém, ou com pouca clareza, da imposição que fizeram os portugueses de "uma ordenação social conformada de acordo com seus interesses de nação colonizadora", ou seja, que um dos traços mais marcantes desse processo de dominação portuguesa foi a construção de um modelo de sociedade que tornasse possível alcançar os seus objetivos de produção. Ora, bem se sabe que os portugueses não estavam preocupados em criar raízes aqui, na nova terra. Diferentemente da colonização norte-americana, que foi tipicamente de povoamento, a colonização portuguesa era essencialmente de *exploração*. O que quer dizer que os portugueses vinham para cá para "*fazer a América*", ou seja, enriquecer. Com esse projeto de colonização e de produção, os portugueses colocaram-se em contato, primeiramente, com os indígenas, mais tarde com negros africanos, para garantir esse enriquecimento. Desse modo, os primeiros contatos com os indígenas não foram de fato conflituosos. Sabe por quê? Primeiramente, porque os portugueses eram muito menos numerosos que os indígenas que encontravam no litoral brasileiro. Depois, porque dependiam dos índios para obter o que queriam: pau-brasil. Quem conhecia e se encontrava adap-

tado às condições ambientais da floresta tropical era o índio. E o português precisava contar com esse conhecimento para realizar seu intento. Assim, uma forma de contato amistoso entre índios e portugueses marcou as primeiras décadas do século XVI.

Tenho me referido a índios, de modo genérico, mas é preciso especificar: que índios são esses? É importante lembrar que, ao longo da costa brasileira, eram dominantes as tribos de origem Tupi-Guarani. Quando os portugueses chegaram, a língua falada ao longo do litoral era o *Tupinambá*, por grupos indígenas como os Tamoio, os Tupinikim, os Kaeté, Potiguára, Tabajára e muitos outros. Tupinambá era, assim, o Tupi antigo<sup>4</sup>, a língua dominante de então. Foi essa matriz Tupi-Guarani que, juntamente com a matriz portuguesa, permitiu a formação das comunidades originais desse povo-novo (*op. cit.*), os brasileiros. Como? Ao longo do litoral de São Vicente, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro, foram formadas novas comunidades constituídas por mestiços de europeus com índias. Pela miscigenação e aculturação do europeu com o índio da costa, nas décadas iniciais do contato, configurou-se um tipo humano novo, básico na formação da sociedade brasileira: o *mameluco*. Quem era o *mameluco*? Filho de português com índia, o *mameluco*, nascendo no meio indígena, falava bem a língua materna, mas guardava sua identidade com o pai. Isto lhe permitia manter-se às custas das roças dos índios e do fornecimento de pau-brasil aos exploradores estrangeiros. Recebia em pagamento manufaturas e bugigangas, que usava para comprar o trabalho indígena de cortar e carregar a madeira. Esse novo tipo humano chegou a ser, na verdade, o elemento comum do modo de vida popular de todas as regiões, e sua maior importância era devida ao fato de ser dotado do patrimônio milenar de adaptação do povo Tupi à floresta tropical. Sim, porque somente por meio do *mameluco* foi possível ao português o acesso indis-

pensável a um saber sobre a natureza tropical, e a uma tecnologia apropriada a esta natureza. Aprender com o índio a lidar com a natureza tropical foi a grande condição de sobrevivência e crescimento dos novos grupos humanos, o que permitiu a colonização portuguesa do Brasil. Como? Os portugueses foram extremamente habilidosos em transformar "*os índios em seus mestres, seus guias, seus remeiros, seus lenhadores, seus artesãos, seus caçadores e pescadores*". Mais ainda, foram astutos o bastante para tomar "*as índias como suas mulheres, e, com elas, gerar uma grande prole mestiça que viria a ser depois a gente da terra*"(*op. cit.*).

Se você, professor, prestou atenção ao mapa que mostra como os Tupi-Guarani se distribuíam pelo território desde um século antes da conquista do Brasil, vai perceber que tribos desta matriz linguístico-cultural ocupavam toda a costa brasileira. Outros grupos indígenas encontravam-se apenas salpicados, aqui e ali, em pequenas lacunas. E foi justamente esta distribuição espacial dos Tupi-Guarani que garantiu a forma territorial que teve o Brasil da época. De acordo com Darcy Ribeiro, esta distribuição "*permitiu ao português defrontar-se com uma cultura indígena uniforme ao longo de quase toda a área territorial que viria ocupar*" (*op. cit.*).

Então, como é possível pensar que antes da descoberta não havia história a se contar que não fosse a história européia? Eis aí mais um engano histórico, ou, como dizemos, mais "uma história mal-contada". Para não alongar muito, vejamos de modo sintético como era o povo Tupi nessa época – apenas o povo Tupi, lembrando que existiam muitos

outros povos indígenas<sup>5</sup>. Iniciava a revolução agrícola. Plantava mandioca e outras plantas nativas em grandes roçados (milho, tabaco, feijão, amendoim, batata-doce, cará, abóbora, cuias e cabaças, varas de flechas, pimenta, urucum, algodão, carauá, caju, mamão,

... Assim, uma forma  
de contato amistoso  
entre índios  
e portugueses marcou  
as primeiras décadas  
do século XVI....



mate e guaraná). Tinha fartura de alimentos e de outros materiais para a feitura de artesanatos, condimentos, venenos, pigmentos e estimulantes. Permanecia, entretanto, dependente da natureza para outros alimentos obtidos da caça e da pesca, o que condicionava períodos de fartura entrecortados por períodos de carência. E o que é mais importante de ser realçado: a tradição cultural Tupi-Guarani, geradora dos novos núcleos brasileiros, participava (juntamente com os grupos Karib, Aruak e outros) de *uma das mais avançadas tecnologias adaptativas dos indígenas da floresta tropical*. E foi nesta tecnologia adaptativa que se apoiou o português, por meio do mameluco, para colonizar o Brasil.

**N**ovos interesses floresciam dentro da lógica mercantil exploradora, novas relações sociais entre portugueses, índios e, mais tarde, negros. Dos núcleos originais assim formados, foram constituídos outros. Para estes, a escravidão, primeiramente a indígena e depois a negra, foi a forma por excelência de contingenciamento de mão-de-obra. E o sistema de fazendas permitiu a base em que cada núcleo foi estruturado.

Nos engenhos, a organização econômica diferenciou-se e se especializou; eram antes de tudo dotados de alto grau de auto-suficiência, muito embora mantivessem dependência de certos artigos importados (de metal, sal e pólvora). A complexidade tecnológica gerada com a contribuição européia favorecia a produtividade crescente:

- ☐ instrumentos de metal (machados, facas, facões, foices, enxadadas, anzóis);
- ☐ armas de fogo para a guerra;
- ☐ dispositivos mecânicos (prensa, monjolo, carro de boi, moendas, roda d'água, tear composto, descaroçador de algodão, roda de oleiro, tachos de metal);
- ☐ gado maior para consumo de carne, montaria e tração;
- ☐ criações de terreiro;
- ☐ plantas cultivadas, alimentícias e industriais.

Esses novos núcleos, comandados externamente sob o ponto de vista econômico e político, conduziram a um novo sistema pro-

ductivo de base mercantil, baseado na produção do lucro e organizado com base no sistema escravocrata. Da prosperidade econômica resultante, seguiu-se uma clara diferenciação de comunidades:

*uma parcela rural:* camponesa, integrada inicialmente pela gente nascida na terra, produtora de alimentos e de gêneros comerciais e, mais tarde, por negros escravos nas plantações de exportação;

*uma parcela urbana:* trabalhadores braçais, artesãos comerciantes, além de funcionários, sacerdotes e autoridades vindas do reino, encarregadas da administração e da direção técnica do empreendimento. A camada urbana de pessoal especializado caracterizava-se por não estar envolvida com as tarefas de subsistência. Composta por um setor letrado, de erudição européia, exercia as funções de mando, de guerra, de regulamentação social, no plano político, empresarial e religioso.

Aqui, cabe perguntar: esta diferenciação social significou ascensão das sociedades tribais brasileiras à condição urbana e estratificada? A resposta é **não**. Na verdade, o que se verificou foi o acesso, por parte da prole dos núcleos brasileiros, às condições sócio-culturais alcançadas pelos europeus. Somente estes compunham, de forma mais destacada, o espaço mais alto da sociedade extremamente estratificada que se formava.

Para esta nova sociedade, os indígenas contribuíram com a forma de adaptação à natureza para provimento da subsistência e a língua falada dos dois primeiros séculos. Os europeus se encarregaram de definir as linhas ordenadoras da sociedade, como um componente colonial de capitalismo-mercantil e escravocrata; além disso, geraram a tecnologia produtiva do setor de exportação, da edificação de casas e da fabricação de meios de transporte; forneceram ainda a língua portuguesa, que permitiu comunicação entre gente de matrizes tão diversas; a religião católica, imposta, mas impregnada de crenças indígenas e africanas.

Dos núcleos originais aos engenhos açucareiros, aos campos de criação de gado, às minerações, à exploração da borracha e aos campos pastoris do Sul, a nova sociedade cresceu, adquirindo feições ecológicas e econômicas diversas decorrentes das variações regionais e das atividades produtivas. Por esses



processos foram plasmados historicamente as diversas formas de ser dos brasileiros: sertanejos do Nordeste, caboclos da Amazônia, crioulos do litoral, caipiras paulistas, mineiros e goianos, gaúchos dos campos sulistas, gringos-brasileiros.

Cada um desses ciclos econômicos experimentou: um período de esplendor, enquanto durou a força da atividade produtiva, condicionada à integração ao mercado internacional; um período de decadência, marcado pela regressão à produção de subsistência, com o declínio da produção exportável; o retorno a uma condição social e cultural de penúria e de degradação. É preciso lembrar que, após o declínio da produção, apenas restava uma população residual, cada vez mais pobre, incapaz de reordenar a vida econômica e social.

Vamos ver resumidamente os ciclos econômicos.

Primeiramente, o do **açúcar**. De 1530 a 1650, experimentou grande prosperidade econômica. Neste ciclo, houve a instalação e manutenção de grande população negra, mestiça e branca. Nesta época também deu-se a criação dos primeiros núcleos urbanos do país. Na segunda metade do século XVII, deu-se a decadência da produção açucareira provocada pelo surgimento da produção do açúcar nas Antilhas e pelas rebeliões crônicas de negros escravos.

O ciclo econômico da **mineração aurífera** conheceu sua grande prosperidade econômica no período de 1700 a 1780. Com ele, verificou-se grande deslocamento populacional das regiões canavieiras para o Extremo-Oeste e para a região montanhosa do Centro, onde se verificou enorme contingente populacional. A partir de 1780, tem-se a decadência deste ciclo, com o esgotamento das lavras de ouro e de diamante, seguida do mesmo processo de regressão a formas econômicas de subsistência e a uma cultura da pobreza.

De 1840 a 1930, meio século depois, nas áreas vizinhas ao ciclo do ouro, surge e se implanta a lavoura do **café**. Grandes parcelas da população livre e escrava das áreas mineradora, açucareira e dos sertões pastoris são recrutadas para o novo núcleo de trabalho. Sua decadência se dá a partir de 1930, com a economia industrial.

Além destes grandes ciclos econômicos, conhecemos no Brasil outros ciclos menores: 1770/1820 – economia do **algodão**, no Maranhão; 1880/1913 – economia da **borracha amazônica**. Estes ciclos menores possibilitaram a implantação de núcleos civilizadores em áreas marginais, incorporando-as à sociedade nacional.

Neste ponto, cabe perguntar: Quais são as consequências de um desenvolvimento econômico marcado por ciclos? Sem dúvida alguma, este desenvolvimento possibilitou a ocupação do imenso território brasileiro, como também facilitou a unidade nacional. Por outro lado, condenou à penúria vasta população engajada sucessivamente em cada ciclo. Nenhum deles fortaleceu-se pela interação econômica com os outros. Houve apenas complementação entre eles pela transferência de mão-de-obra e pela constituição de núcleos auxiliares da economia de subsistência e do pastoreio dos sertões interiores e do Sul – a expansão pastoril.

Esta expansão pastoril nunca alcançou a prosperidade dos grandes ciclos. Permitiu, porém, a formação de uma frente móvel responsável pela ocupação da maior parte do território brasileiro, preenchendo os vazios interiores entre as zonas de economias de exportação.

Analisando os ciclos econômicos sob a ótica do desenvolvimento cultural, pode-se concluir que um sistema tecnológico de baixa energia é um traço comum entre todos eles: energia humana.

*“Isto fez com que  
o negócio  
de escravos fosse  
o mais rentável  
do país, durante  
três séculos”.*



animal, das correntes fluviais – roda d'água – e do vento – caravelas. Na verdade, este é também o traço dominante no mundo, antes da revolução industrial. A sociedade brasileira, na lavoura, no pastoreio, na mineração com técnicas rudimentares, respondeu assim à necessidade de adaptação ao modelo agrário-mercantil da época. Um reflexo da tecnologia baseada nessas formas de energia era também determinante do que era possível à população, incluindo sua forma de organização social. O modo de vida era agrário; a população era quase toda ocupada nas lavouras comerciais e de subsistência, através do sistema de fazendas; a rede urbana consistia de pequenas cidades portuárias com funções administrativas e de exportação.

Foi justamente esta tecnologia que permitiu que o Brasil organizasse um grande empreendimento comercial responsável pela colonização do país: o tráfico de escravos negros. O principal artigo importado era, assim, o negro escravo.

Vejamos alguns dados a respeito:

Primeiros negros no Brasil são da década de 1540. Nessa época, eram pouco numerosos.

No período da economia do açúcar, os negros chegavam em grande quantidade. Cada senhor de engenho podia importar diretamente 120 escravos, mas era livre a sua compra no mercado interno. Isto fez com que *o negócio de escravos fosse o mais rentável do país, durante três séculos!*

Em quantidades surpreendentes, o negro africano assimilou-se à cultura brasileira, sendo a "matriz genética" que alterou os primeiros brasileiros de mamelucos em mulatos. Ele também foi grandemente responsável pela substituição da língua tupi pelo português, que passou a ser a língua mais falada no país, a partir de então.

Um outro aspecto muito importante a ser lembrado é que a população negra, sendo o maior contingente da população rural, isolada nas fazendas, foi muito mais facilmente deculturada e adaptada aos novos padrões culturais que os mestiços livres. Esse isolamento sócio-cultural, característico do sistema de fazendas, foi o que provocou a formação histórica da população rural brasileira em muitos e pequenos núcleos populacionais, de tal forma fracionados

que não chegam a constituir comunidades sociais. Por esta razão, o homem do campo brasileiro, mesmo da época atual, dispõe de precaríssimas condições de interação e de convívio social que lhe permitam compreender-se como cidadão livre e consciente. Qualquer projeto de educação ambiental, portanto, deve levar em conta, como ponto de partida, esse dado da realidade.

Ainda em relação à população negra no Brasil, podemos perceber que o crescimento desta parcela é proporcionalmente menor que os contingentes branco e pardo.

Por quê? Alguns fatores concorreram e concorrem para isto. Primeiramente, a interrupção do tráfico e o incremento à imigração européia, no final do século passado e no início deste. Mais importante ainda são as precárias condições de vida suportadas pelo escravo, e por seus descendentes, sujeitos a piores condições de sobrevivência que os outros segmentos populacionais. Há que se destacar também a ideologia racial embranquecedora que ainda prevalece na nossa sociedade, segundo a qual o negro deixa de ser considerado negro – passando a ser visto como pardo, moreno, claro – na mesma proporção do seu sucesso social.

Vejamos, com os números, como se dá esta redução da população negra, comparada com a de índios e brancos:

- ☛ 10 milhões de negros entraram no Brasil, como escravos, até a abolição do tráfico (1850);
- ☛ 2 milhões de índios defrontaram-se com as fronteiras da civilização brasileira, no mesmo período;
- ☛ 5 milhões de europeus vieram para o Brasil até 1950.

Os dados demográficos sobre a composição e o crescimento da população brasileira (IBGE), em 1950, indicam o seguinte:

|                       |            |
|-----------------------|------------|
| ☛ população negra:    | 5 600 000  |
| ☛ população parda:    | 13 700 000 |
| ☛ população indígena: | 100 000    |
| ☛ população branca:   | 32 000 000 |

O decréscimo progressivo da população negra é demonstrado no quadro seguinte:

## MUDA O MUNDO, RAIMUNDO!

|      |                       |        |
|------|-----------------------|--------|
| 1800 | metade da população   |        |
| 1850 | um terço da população |        |
| 1900 | 2.000.000             |        |
| 1940 | 6.600.000             |        |
| 1950 | 5.600.000             | 10,00% |
| 1993 | 7.522.077             | 5,08%  |

Já a população branca, contrariamente, vem crescendo, como se vê a seguir:

|      |            |       |
|------|------------|-------|
| 1800 | 920 000    | 22%   |
| 1950 | 32 000 000 | 62%   |
| 1993 | 80 339 790 | 54,2% |

Este crescimento da população branca somente é explicável por um intenso crescimento vegetativo, propiciado por melhores condições de vida em relação aos demais segmentos populacionais.

Branco, negro, pardo, índio, amarelo: quantos somos nós, os brasileiros? De um modo geral, a composição da população brasileira, em 1993, é a seguinte:

#### Composição e crescimento da população brasileira: 1993

| População    | Urbana             | Rural             | Total              | %             |
|--------------|--------------------|-------------------|--------------------|---------------|
| Branca       | 66 404 920         | 13 934 870        | 80339790           | 54,2          |
| Negra        | 5 956 970          | 1 565 107         | 7 522 077          | 5,08          |
| Parda        | 42 955 899         | 16 440 263        | 59 396 162         | 40,07         |
| Amarela      | 687 078            | 71 249            | 758 327            | 0,51          |
| Indígena     | 62 206             | 111 464           | 173 670            | 0,12          |
| S/declaração | 19 676             | 6 975             | 26 651             | 0,02          |
| <b>Total</b> | <b>116 086 749</b> | <b>32 129 928</b> | <b>148 216 677</b> | <b>100,00</b> |

Fonte: IBGE/PNAD - 1993 (exclusive populações rurais da região Norte)

Quanto à população indígena, é preciso esclarecer que grande contingente está incluído entre aqueles não-recenseados rurais da região Norte. Dados recentes do Instituto Socioambiental de São Paulo indicam que existem hoje 206 grupos indígenas, somando uma população de 273 000 habitantes. O que se observa é que, contrariamente às tendências verificadas até a década de

70, a população indígena se estabilizou, mantendo o percentual de 0,12% da população brasileira.

- 1• COLEÇÃO ANGLO. História do Brasil. São Paulo: Anglo. 1990/91.
- 2• Ver a respeito Lima, Antonio Carlos de Souza. *"Um olhar sobre a presença das populações nativas na invenção do Brasil."* In *A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º. Graus.* MEC/MARI/UNESCO, 1995.
- 3• A referência básica para este texto é o livro de Darcy Ribeiro, *As Américas e a Civilização*. 5ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1988, mais especificamente o capítulo "Os brasileiros", onde o autor constrói uma interpretação histórico-cultural do processo de desenvolvimento do Brasil. Com esta forma simplificada de uma resenha, pela qual o antropólogo e educador Darcy Ribeiro não é absolutamente responsável, pretendo prestar-lhe minhas homenagens e incentivar a sua leitura, sempre instigante e enriquecedora, sobretudo por aqueles que se dedicam à educação no Brasil.
- 4• É bom esclarecer que Tupi-Guarani não é uma língua, mas uma família lingüística que integra o Tupinambá. (Teixeira, 1995)
- 5• Vale a pena ler, sobre esta questão, o artigo de Eduardo Góes Neves, *"Os índios antes de Cabral: arqueologia e história indígena no Brasil"*, in *A temática Indígena na Escola: novos subsídios para professores de 1º e 2º. graus.* MEC/MARI/UNESCO, 1995.